

DO CORTIÇO AO ENGENHO: A EMANCIPAÇÃO SEXUAL PRECOCE DE POMBINHA E CARLINHOS

*Francisca Samara Ferreira¹
Maria Edinete Tomás²*

Resumo – O presente estudo aborda a temática da infância com base nos romances **O Cortiço**, de Aluísio Azevedo, publicado em 1890 e **Menino de Engenho**, de José Lins do Rego, publicado em 1932. Objetiva perceber como as personagens crianças são afetadas pelo comportamento sexual das personagens adultas, e qual a influência disso em suas vidas. Compreende o conceito de infância variável no tempo-espço, por ser de natureza sociocultural, assim sendo, a questão da prática sexual ora é vista como tabu, ora como parte do ritual de ingresso na vida adulta. Na discussão do tema, privilegia-se a figura das personagens Pombinha e Carlinhos, um de cada romance, respectivamente. Esse privilégio foi definido em razão das peculiaridades que ambos assumem no desenrolar da trama em seus respectivos contextos romanescos. Como subsídio teórico, foi valioso o pensamento de autores como Mary Del Priore (1991), Philippe Ariès (1981), Regina Zilberman (1998), dentre outros.

Palavra-chave: Infância interrompida. Sexualidade precoce. Pombinha adolescente. Carlinhos criança.

¹ Graduada em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa - pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. E-mail: samarajeri@hotmail.com.

² Mestre em Gestão Educacional pela UIL/Portugal. Professora Assistente do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú. E-mail: editomas@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O homem concebe-se à sua realidade a partir do modo como se relaciona consigo e com o mundo num movimento dinâmico, ininterrupto, do qual resultam história e cultura, desdobráveis no tempo-espaço. Por isso, cada momento histórico-cultural apresenta um acervo de concepções, que mesmo não sendo estanque, orienta a vida em sociedade e a reflete, direta ou indiretamente.

Assim é que a compreensão de infância e de sexualidade, bem como da relação entre ambas, por mais que tenda a apresentar um certo conteúdo invariável, revelam-no sob diferentes matizes em todas as culturas. No caso da cultura ocidental e por extensão da cultura brasileira, podemos perceber tal ocorrência por meio da literatura.

Nas obras analisadas podemos observar como a relação entre infância e sexualidade é trabalhada nos romances **O Cortiço**, de Aluísio de Azevedo, publicado em 1890, e **Menino de Engenho**, de José Lins do Rego, publicado em 1932.

Como romance estilisticamente ambientado no naturalismo brasileiro, **O Cortiço** apresenta-se muito realista, pelo viés cientificista, que vê o comportamento humano condicionado pelas circunstâncias da raça, meio e momento. Dessa visão determinista, resulta o romance de tese do qual **O cortiço** é bom exemplo. Já **Menino de Engenho**, surge no contexto do Romance de 30, de tendência neorrealista.

Ambos os romances ambientam seus enredos em momentos históricos e espaços geográficos diferentes, mas trazem alguns aspectos em comum, dos quais o gosto por focar as personagens em espaços coletivos, onde adultos e crianças, ricos e pobres convivem com seus dramas: um cortiço carioca de início da República; outro, um engenho açucareiro da zona rural da Paraíba. Como, então, é estilisticamente representada a criança brasileira em tais romances?

Para responder à questão acima, desenvolvemos estudo comparativo amparado em pesquisa teórica, com destaque para autores como Ariès (1981) e Zilberman (1998), que discutem a história da família e da infância no cenário da burguesia europeia nascente; Del Priore (1991), que ambienta a discussão dos mesmos aspectos no contexto histórico-cultural brasileiro. Como objetivo geral, buscamos perceber como a infância é influenciada pelo comportamento sexual do adulto e que consequências isso tem para sua vida.

Adiantamos que a discussão foi organizada em torno do eixo **Infância e Sexualidade**, que se desenvolve em três itens: *A infância romanceada*, que trata da concepção histórica de infância e demonstra como isso se reflete na cultura das crianças dos romances analisados; *A família romanceada*, no qual é feita breve discussão sobre modelos de família e de seus reflexos nos perfis de infância dos aludidos romances; *A castração da infância e a emancipação forçada*, cujo foco recai no modo como a trama narrativa de cada romance analisado revela discrepâncias entre a concepção burguesa de infância e a realidade

cultural de grande parte da sociedade brasileira, que acelera o processo natural de amadurecimento das crianças ao facilitar o ingresso delas na prática do sexo.

Finalmente, esperamos que o presente estudo possa suscitar muitas dúvidas e que elas deem origem a novas pesquisas.

2 INFÂNCIA E SEXUALIDADE

2.1 A infância romanceada

Os enredos dos romances em estudo, envolvem crianças de diferentes idades, sexo, cor e classes sociais, cujo perfil se delineia com base no papel que desempenham no desenrolar de cada trama. Assim é que embora haja alusão a um número maior de crianças em cada romance, apenas algumas chegam a ser designadas pelo narrador, inclusive a receber nome próprio, senão apelido que a distingue das demais.

Em **O Cortiço**, há diferentes passagens que referendam uma infância anônima, genérica, geralmente associada às camadas mais humildes da comunidade na qual são focadas. Eis duas de tais passagens: [...] a pequenada cá fora traquinava já e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam (AZEVEDO, 2013, p. 38). Mais adiante: [...] as crianças não se davam ao trabalho de lá ir (casas?), despachavam-se ali mesmo, no

capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas. (idem, p. 38).

Nos trechos mencionados percebemos que não há referência a nome de criança, mas esta é indicada de modo coletivo, generalizado: “pequenada”, “crianças”. A condição de pobreza desse público é referida pelo pouco zelo que recebiam dos adultos, dos quais aprendiam a não depender desde cedo. Caso similar ocorre em **Menino de Engenho**, como podemos verificar nas passagens: “Uma porção de moleques me olhava admirados [...]” (REGO, 2012, p. 31). Mais adiante: “[...] os meninos nus, de barriga tinindo como bodoque. E o mais pequeno na lama, brincando com o borro sujo como se fosse com areia da praia.” (idem, p. 58).

Em **O Cortiço**, um narrador heterodiegético faz referência explícita, discriminatória, a seis crianças: Marianita, Juju, Agostinho, Pombinha, Henrique e Zulmira. As três últimas encontram-se na adolescência. Já em **Menino de Engenho**, um narrador autodiegético menciona explicitamente quatro crianças que fazem parte da família do senhor de engenho: Silvino, Lili, Maria Clara e Carlinhos. As três crianças inicialmente mencionadas são primas de Carlinhos, o narrador.

Comprova-se que, em geral, as crianças com identidade própria na narrativa dos romances em foco são oriundas de classe social diferenciada daquelas que não recebem nome próprio. Essa diferenciação de classe, por vezes, apresenta-se de modo explícito,

como se dá no romance de Rego, com os netos do coronel Zé Paulino, senhor do engenho, e os filhos dos que aí trabalham na condição de ex-escravos. No romance de Azevedo, a distinção de classe social ora apresenta-se igualmente bem delineada, como ocorre com Zulmira, filha de comerciante rico; ora de modo sutil, porquanto a tendência do ambiente pobre e coletivo do cortiço tender a neutralizar distinções sociais entre os que lá passavam a residir. Entretanto, todas as crianças particularmente designadas, de um jeito ou do outro, possuem algo que as coloca em patamar um pouco superior às demais.

Del Priore (2001, p. 110) traça o seguinte quadro da infância nas camadas pobres da sociedade brasileira, cuja extensão cultural parece desafiar o tempo:

[...] os filhos de escravos, por sua vez, ajudavam suas mães desde cedo. No campo, alimentavam a criação, arrancavam ervas daninhas, buscavam água. Na cidade, carregavam o tripé dos tabuleiros de doces vendidos pela mãe, levavam recados e os cadernos do "sinhozinho" branco que ia à escola.

Considere-se a questão social como decisiva à compreensão do conceito de infância e dos modos como ela é representada em cada romance, pois, a realidade social acima delineada, isto é, a das crianças dividirem experiências similares às dos adultos, ocorre, e de modo mais frequente, nas classes economicamente menos privilegiadas, como se fora um prolongamento da cultura medieval, na qual Áriés

(1981) diz não haver separação de idade. Podemos verificar a ocorrência em **O Cortiço**, por exemplo, quando Juju, ainda criança, é preparada por sua protetora, para seguir carreira de prostituta. Essa iniciação se dá com o processo de amadurecimento precoce da criança:

Quando ia ao cortiço Léonie trazia sempre bem calçada e bem vestida a afilhada Juju. Certo dia, as duas chegam ao cortiço com uma novidade, a menina estava de cabelos loiros, quando tinha castanhos por natureza. [...] e todos vieram para ver a filha da Augusta “com cabelos de francesa”. (AZEVEDO, 2013, p. 117).

No mesmo contexto romanesco, de modo similar, Pombinha, já prostituída por Léonie, faz-se protetora de Marianita, uma criança de nove anos, na tentativa de também iniciá-la na prostituição. Essa pretensão da cocote adulta e de luxo fica bem demarcada no romance através de dois importantes referentes: a mudança dos traços físicos da infância e a pseudoproteção dispensada à criança que se acha sujeita à carência dos bens materiais mais básicos.

Veremos adiante que a interação da criança com assuntos relacionados com a prática do sexo é forte indicador para o estabelecimento da concepção de infância. Nos romances analisados é possível constatar isso, pois há crianças que vivem sob moldes da infância concebida pela burguesia europeia de fins do século XVIII e crianças que vivem uma outra realidade, mais próxima da experimentada por essa mesma sociedade em séculos anteriores, pois

segundo Ariès (1981) antes da ascensão da burguesia, inexistia o conceito de infância na cultura medieval europeia. Aí, as crianças estavam sujeitas às mesmas experiências dos adultos e não recebiam qualquer atenção especial, como também noticia Zilberman (1998), ao nos revelar que na sociedade antiga, não havia infância e as crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos. As crianças, ainda de acordo com a autora, eram testemunhas dos processos naturais da existência e participavam junto deles da vida pública, das festas, das guerras, audiências, execuções etc.

Sobre a proximidade de experiências entre adultos e crianças, e exemplificando tal proximidade no romance **Menino de Engenho**, temos passagens como a de influência premeditada do adulto para acelerar a maturidade infantil na prática do ato sexual e a exploração do trabalho braçal da criança. Diz Carlinhos que na infância vivida no engenho do avô tivera “[...] o Zé Guedes, meu professor de muita coisa ruim. Contava-me tudo que era história de amor, sua e dos outros”. (REGO, 2012, p. 55). E: “Os moleques das minhas brincadeiras da tarde, todos ocupados, uns levando latas de leite, outros metidos com pastoreadores do curral.” (idem, p. 32).

Com base na discussão acima, podemos verificar antecipadamente que a aproximação entre experiências de vida comum a adultos e crianças, posterior aos séculos XVII e XVIII, nas sociedades do mundo ocidental, tenderam a ocorrer com mais frequência nas classes economicamente menos favorecida. Para

melhor compreensão do assunto, observemos como surge o conceito de infância, em função de que e como foi concebida até meados do século XX, no contexto brasileiro.

Segundo Ariès (1981), o conceito de infância é de natureza sociocultural e surge com o novo modelo de sociedade advindo do mesmo contexto ideológico que promoveu a ascensão da burguesia, modelo esse que instaura um novo modo de produção de bens (o industrial); um novo sistema econômico, baseada na liberdade de mercado (o capitalismo); novo padrão de família (a unicelular).

Tida como célula *mater* da sociedade, a família burguesa ganha privacidade pública, aproxima seus membros, define-lhes papéis: o pai será o provedor e responsável primário pelo bem-estar da família; a mãe será a “rainha do lar” cabendo-lhe administrar as questões domésticas; os filhos, serão o 'porvir em gestação', criados sob a autoridade paterna. Quando crianças, são vistos como ingênuos, indefesos, incapazes de sobreviverem sem a proteção adulta.

Ariès (1981, p. 156) define o que chama de “sentimento da infância”, no contexto da sociedade burguesa nascente, como a

[...] consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia; por essa razão, assim que a criança tinha condição de viver sem a solícitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes.

Na citação acima, podemos perceber que o autor ratifica a inexistência de distinção entre adultos e crianças antes da Idade Moderna e de como estas passam a depender da “solicitude do adulto” no modelo de sociedade burguesa. Destaca ainda que, em tal contexto, essa solicitude à criança é prestada por uma mulher adulta, mãe ou ama.

Há imagens dessa percepção burguesa de infância em algumas passagens dos romances em foco, sobretudo quando certas personagens crianças são referidas em seus contextos de origem e estes contextos são diferentes dos de origem massificada das demais crianças de cada romance em estudo. Em **O Cortiço**, Pombinha e Zulmira, nasceram em uma família unicelular, convencional, aparentemente estável, haja vista, por exemplo, que o casamento dos pais é preservado, embora muitas vezes sob bases hipócritas, como ocorre na família da última adolescente citada.

Outro traço de distinção entre Pombinha e Zulmira e as crianças anônimas de seus respectivos enredos é de ordem cultural. Ambas as adolescentes receberam um tipo de educação diferenciado, pois sabem ler e escrever no Brasil ficcionalizado do século XIX, onde a trama de seus respectivos romances se acha ambientada. Mesmo na adolescência, as duas são focadas quase sempre, na presença de adulto, geralmente do sexo feminino, Pombinha, por exemplo, antes de se casar, era sobretudo focada em companhia da mãe e era por esta servida pessoalmente por se acharem em estado de pobreza material.

Reflexos culturais da percepção burguesa de infância podem ser exemplificados em **Menino de engenho**, no modo como os netos do coronel Zé Paulino são tratados pelos adultos com os quais convivem. São crianças que também vieram de uma família unicelular, que a elas lega uma identidade própria e condições econômicas satisfatórias à sobrevivência. Não precisam trabalhar nem ocasionalmente, têm quem os sirva, inclusive na ausência, temporária ou definitiva, dos pais. Basta-lhes estudar, para, no futuro, também assumirem papel social de destaque.

Vimos, pois, que há um contexto histórico do qual emerge o conceito de infância, no qual é delineado um dado perfil para expressar a existência desta infância e justificar a pertinência de adoção desse conceito. Verificamos também existir em tal contexto traços ideológicos que influenciam tanto a criação do conceito de infância, quanto a idealização do perfil desta. Considerando tais aspectos, podemos deduzir que houve a necessidade de um ambiente propício à aplicação do conceito, à gestação do perfil de infância. Esse ambiente, foi a família unicelular, sobre a qual tratará o item abaixo.

2.2 A família romanceada

A ideia moderna de família surge no século XVII. De acordo com Zilberman (1998), muitos historiadores acreditam que foi aproximadamente em 1750 que se assistiu ao término de um processo

iniciado no final da Idade Média, com a decadência das linhagens e a desvalorização dos laços de parentesco. A autora acrescenta que assim nasceu a formação de uma modalidade familiar unicelular, amante da privacidade e voltada à preservação das ligações afetivas entre pais e filhos.

Nas obras analisadas podemos encontrar alguns exemplos dessa estrutura familiar tipicamente burguesa e a valorização desse modelo trazido da Europa para os lares brasileiros.

Em **O Cortiço**, há crianças que vivem cercadas de afeto familiar, até certo ponto, protegidas dos perigos existentes naquele ambiente coletivo, são elas: Marianita, Juju, Agostinho, Pombinha, Henrique e Zulmira. A primeira é filha de Jerônimo e Piedade; a segunda é filha de Alexandre e Augusta Carne-Mole; o terceiro é filho de Machona; a quarta, de D. Isabel e de seu falecido esposo; o quinto é filho de um rico comerciante amigo de Mirada, que por sua vez, é casado com Estela e são pais de Zulmira. Enquanto as três primeiras são referidas como mais jovens, as últimas se acham na adolescência. Inclusive uma delas é carinhosamente chamada pela alcunha de Pombinha e desempenha importante papel na narrativa. Embora seja mais focada na adolescência, o narrador alude à sua primeira infância, longe das paredes do cortiço, no aconchego de um lar eminentemente burguês. Já na obra de Rego, há crianças que recebem nomes próprios: Silvino, Lili, Maria Clara e Carlinhos. As três primeiras crianças referidas são primas de Carlinhos, e todos são netos do Coronel José

Paulino, representando famílias unicelulares bem próximas do modelo burguês.

As crianças burguesas foram plenamente integradas ao contexto familiar, solidificado para resguardá-las. N’**O Cortiço**, podemos perceber o zelo pela infância na preocupação de Jerônimo em mandar para a escola sua filha Marianita, na tentativa dessa ter vida melhor que a dele, como podemos perceber na passagem: “Meteu a filha num colégio, que a queria com outro saber que não ele, a quem os pais não mandaram ensinar nada.” (AZEVEDO, 2013, p. 62). O narrador ainda nos mostra que a família de Jerônimo e Piedade vivia nos moldes da família tradicional, pois “[...] no cortiço em que então moravam, a sua casinha era a mais decente, a mais respeitada e a mais confortável [...]” (AZEVEDO, 2013, p. 62)

Em **Menino de Engenho**, também encontramos a família unicelular, a proteção dos pais para com os filhos e as manifestações constantes de afeto. Apesar de não serem mencionadas diretamente as famílias dos primos de Carlinhos, é possível, pelo tratamento dado às crianças e por estas irem à escola, compreendermos que eles pertencem a um modelo familiar burguês. Na família do narrador, isso é facilmente percebido, em trechos de suas lembranças de menino: “[...] ainda me lembro de meu pai. [...] Sempre que estava comigo, era a me beijar, a me contar histórias, a me fazer os gostos. Tudo dele era pra mim.” (REGO, 2012, p. 26). Sobre a mãe, Carlinhos comenta: “[...] ela passava o dia inteiro comigo. Era pequena e tinha os cabelos

pretos. Junto dela eu não sentia necessidade dos meus brinquedos.” (idem, p. 28).

A criança burguesa foi aos poucos sendo preservada e ganhou espaço diferenciado dentro do ambiente familiar. De acordo com Barbosa (2002, p. 101) “[...] as crianças existiram desde sempre, desde o primeiro ser humano, e a infância como construção social, existe desde os séculos XVII e XVIII”. A mãe é uma figura importante nesse novo modelo familiar, pois, cabe a ela cuidar, educar e preservar a criança. Dessa forma, a mãe será o agente protetor (ZILBERMAN, 1998). Já ao pai caberá o papel de “o homem da casa”, responsável pela manutenção das necessidades familiares. Encontraremos a função do pai anteriormente mencionadas, de forma bem definhada na obra de Azevedo, com a família de Augusta Carne-Mole e Alexandre “[...] um mulato de quarenta anos, soldado de polícia, [...] queixo sempre escanhado e um luxo de calças brancas engomadas e botões limpos na farda, quando estava de serviço.” (AZEVEDO, 2013, p. 41). A Augusta restava-lhe o zelo pelo lar, esposo e filhos, como salienta D’Incao (2006, p. 223), sobre os ideais da sociedade burguesa:

Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível.

Essas mudanças proporcionaram uma estreita relação entre o poder político centralizador e a camada burguesa e capitalista. A ideia

moderna de família, sendo assim, fundamenta-se no individualismo e na promoção do afeto: “[...] entre esposos, estimulando a instituição do casamento; e entre pais e filhos, por estar interessada na harmonia interior do núcleo família.” (ZILBERMAN, 1998).

Com base no pensamento de Ariès (1981), D’Incao (2006) e Zilberman (1998), entendemos que a família burguesa nasce na formalidade de casamento religioso cristão, daí fundamentar-se nos princípios da indissolubilidade do vínculo, na fidelidade conjugal, na autoridade paterna.

No romance naturalista temos o modelo familiar burguês em crise na família de Estela, Miranda e Zulmira, marcada pela hipocrisia, pois Estela trai constantemente o marido, que por sua vez não suporta a mulher e a filha: “[...] a pobre criança, em vez de servir de elo aos dois infelizes, foi antes um novo isolador que se estabeleceu entre eles. Estela amava-a menos do que lhe pedia o instinto materno por supô-la filha do marido, e este detestava porque tinha convicção de não ser seu pai.” (AZEVEDO, 2013, p. 17).

Os sentimentos de Miranda para com a filha contradizem o que usualmente era demonstrado no âmbito da cultura cristã, em especial, da família burguesa, como bem relata Del Priore (2001, p. 40) a respeito:

O anúncio "você vai ser pai" é, na verdade, um grito de vitória contra a morte. É a certeza da continuidade, uma forma de cumplicidade com o divino e um compromisso com a responsabilidade. O fracasso de

um pai, contudo, multiplica as incertezas dos filhos. Razão bastante para pensar no futuro dessa instituição que se inventa e se elabora, discreta, mas firmemente.

A autora acima aponta a importância que essa instituição assume na sociedade moderna, definindo, inclusive, o futuro de filhos. Em **Menino de Engenho**, aos quatro anos de idade, Carlinhos vê sua mãe assassinada pelo pai e este como um louco, sendo aprisionado num hospício (REGO, 2012). Essa realidade trágica terá consequências marcantes na vida da criança, que doravante passará a residir com o avô em um engenho de açúcar. Na história de Pombinha também há a presença do trágico depois do pai suicidar-se por enfrentar dificuldades financeiras. A partir da perda do mantenedor, mãe e filha passam a residir no cortiço e a sofrer privações.

Dessa forma, compreendemos que ambos os personagens têm em comum a origem em modelo tradicional de família, a perda trágica de membros familiares e de regalias, resultando em fragilidades, das quais as físicas: Pombinha cresce “muito doentinha e fraca” (AZEVEDO, 2013, p. 42), Carlinhos também é um menino doente e melancólico.

Após as perdas, tanto Carlinhos quanto Pombinha mudam-se para ambientes coletivos. Nesses ambientes, o engenho e o cortiço, os personagens passam a conviver com pessoas de todos os tipos, com seus conflitos, rivalidades e interesses. Com isso, Pombinha e

Carlinhos passam a ser constantemente “manipulados” pelo espaço e pelas pessoas que os rodeiam.

Com isso, entendemos que, Carlinhos e Pombinha, com a morada nesses ambientes, ficam mais desprotegidos e sujeitos a interagirem com situações da vida adulta, tidas como impróprias ou prematuras para uma criança, nos moldes culturais da sociedade burguesa. Exemplo maior dessa ocorrência é o contato direto e prematuro com experiências sexuais, como as referidas em ambos os romances, envolvendo, sobretudo, a pessoa de Pombinha e de Carlinhos.

2.3 A castração da infância e a emancipação sexual forçada

A partir da compreensão burguesa de infância e de sua influência na cultura ocidental passou-se a ver essa ocorrência como estágio de preparação para a vida adulta. Assim sendo, desenvolveu-se uma série de convenções que definem quando, como e com quem as crianças precisam aprender para viver em comunidade (ELIAS, 1994, *apud* CAMPOS, 2012, p. 113).

Nas obras estudadas encontramos a troca de experiências entre adultos e crianças, cujos destinos vão-se moldando a partir das experiências influenciadas ou promovidas por esses adultos. Dentre tais experiências destacam-se as relacionadas com a prática do ato

sexual, na perspectiva de rito iniciático para ingresso, via de regra precoce, na vida adulta.

Confirma Del Priore (1991, p. 45), que a inadequação da prática do ato sexual na infância é algo historicamente recente:

Alguns historiadores têm mostrado que a dessexualização da criança é fenômeno recente na história ocidental, e que até meados do século XVII, meninos e meninas - inclusive nos palácios reais viam, falavam, ouviam e agiam com mais soltura em matéria de sexo do que seus sucessores do período vitoriano.

Ainda de acordo com Del Priore (*idem*), nas sociedades antigas, as crianças participavam regularmente da vida adulta. Na Grécia antiga, a relação sexual entre adultos e jovens achava-se integrada ao processo pedagógico; no Brasil antigo, ocorrendo algo similar. Inclusive, em alguns contextos, segundo a mesma historiadora, era possível observar-se uma corrente de associação da pederastia com a pedagogia, ou seja, o fato de que a grande maioria dos abusos sexuais de menores ocorrer entre professores e alunos.

Em **O Cortiço** e **Menino de Engenho**, Pombinha e Carlinhos têm ingresso precoce na vida adulta pelo viés da prática sexual, experiência essa, que, no decorrer das respectivas narrativas, revela-se traumática para ambos.

N'**O Cortiço**, Pombinha era considerada por todos com os quais convivia como a “flor do cortiço” (AZEVEDO, 2013, p. 42):

Bonita, posto que enfermiça e nervosa ao último ponto; loira, muito pálida, com uns modos de menina

de boa família. [...] Pombinha era muito querida [...]. Prezavam-na com respeito e davam-lhe presentes, o que lhe permitia certo luxo relativo. Andava sempre de botinas ou sapatinhos com meias de cor, seu vestido de chita engomado; tinha as suas joiazinhas para sair à rua, e, aos domingos, quem a encontrasse à missa na Igreja de São João Batista, não seria capaz de desconfiar que ela morava no cortiço. (AZEVEDO,2013, p. 43 e 44).

O trecho acima esboça um perfil à Pombinha, muito próximo da candura prevista à infância, fato que se manifesta, inclusive no modo como o narrador naturalista se refere ao comportamento inseguro, nervoso da menina, bem como no uso do diminutivo em relação ao apelido dela e aos seus pertences: sapatinhos, joiazinhas.

Mas as referências à infantilidade de Pombinha não param aí. De acordo com Candido (1993), um dos centros de interesse da narrativa do romance é o pequeno drama da nubilidade da juvenzinha, que mesmo chegando a quase dezoito anos, não demonstrava sinais de maturidade fisiológica. Para que isso acontecesse fora necessário que Léonie, uma prostituta que se fazia sua protetora, impusesse-lhe uma experiência afetiva homoerótica. Esta, muito provavelmente, fora responsável pela metamorfose corporal da menina, isto é, pela visita da menarca denotadora do ansiado amadurecimento fisiológico. Depois da experiência sexual vivida com Léonie, o comportamento da menina passa a ser bem diferente do acima esboçado:

Pombinha, entretanto, nessa manhã acordara abatida e nervosa, sem ânimo de sair dos lençóis [...]. O passeio à casa de Léonie fizera-lhe muito mal. Trouxe de lá impressões de íntimos vexames, que nunca mais se apagarão por toda a sua vida. A cocote recebeu-a de braços abertos [...], e assentou-se ao lado da menina, bem juntinho uma da outra, tomando-lhe as mãos, fazendo-lhe uma infinidade de perguntas, e pedindo-lhe beijos, que saboreava gemendo, de olhos fechados. [...]— Vem cá, minha flor!... disse-lhe, puxando-a contra si e deixando-se cair sobre um divã. [...] (AZEVEDO, 2013, p. 147, 148 e 149).

Com a chegada da menstruação, Pombinha passou a ser vista como mulher, casou-se e ingressou definitivamente na vida adulta. Em **Menino de Engenho**, Carlinhos tem sua aproximação com o sexo bem antes que Pombinha, como bem salienta: “[...] a promiscuidade selvagem do curral arrastava a nossa infância às experiências de prazeres que não tínhamos idade de gozar” (AZEVEDO, 2013, p. 56). Paralelo as cenas de sexo animal, visualizadas no cenário rústico do engenho, a criança dispunha das lições de um “mestre de porcarías”, o Zé Guedes que

[...] não se contentava com o lado teórico do seu magistério e também dava as suas lições de coisas. Nós (meninos) tínhamos, porém, no curral pegado à casa-grande, uma aula pública de amor. O que Zé Guedes nos contava dele com as Zefas, os touros e as vacas nos faziam entrar pelo entendimento. [...] No cercado dos engenhos o menino inicia-se nestes mistérios do sexo, antecipando-se por muitos anos no amor. (REGO, 2012, p. 56).

O estudo teórico de Carlinhos acerca do ato sexual complementava-se com a vivência prática de tal conteúdo, também conduzida informalmente, sem envolvimento afetivo e por alguém sem autoridade acadêmica, mas com experiência de vida bem superior à da criança:

[...] a negra Luísa fizera-se de comparsa das minhas depravações antecipadas. Ao contrário das outras, que nos respeitavam seriamente, ela seria uma espécie de anjo mau da minha infância. Ia me botar pra dormir, e enquanto ficávamos sozinhos no quarto, arrastava-me a coisas ignóbeis. [...] A moleca me iniciava, naquele verdor de idade, nas suas concupiscências de mulata incendiada de luxúria. Nem sei contar o que ela fazia comigo. Levava-me para os banhos da beira do rio, sujando a minha castidade de criança com os seus arrebatamentos de besta. (REGO, 2012, p. 121).

Imagem similar ao “arrebatamento de besta” acima referido parece ocorrer quando Léonie, aproveita-se da amizade e ingenuidade de Pombinha e “[...] devorava-a de beijos violentos, repetidos, quentes, que sufocavam a menina, enchendo-a de espanto e de um instintivo temor, cuja origem a pobrezinha, na sua simplicidade, não podia saber qual era (AZEVEDO, 2013, p. 149).

A relação mestre-aprendiz na concretização iniciática da vivência sexual, pois, é tematizada em ambos os romances em foco, envolvendo a figura do adulto e da criança, quer sejam estes homens ou mulheres, o que vai de encontro ao que é defendido pela religiosidade cristã, na qual se apoiou o modelo social de infância da

burguesia. Quer seja em face de traços culturais cristãos ou não, o certo é que as primeiras experiências sexuais de Pombinha e de Carlinhos irão impactar no modo como doravante perceberão a vida, desenvolverão seu relacionamento consigo e com o outro.

Em **O Cortiço**, depois que Pombinha é iniciada sexualmente por Léonie, “[...] ela compreendeu e avaliou a fraqueza dos homens, a fragilidade desses animais fortes, de músculos valentes, de patas esmagadoras, mas que se deixavam encabrestar e conduzir humildes pela soberana e delicada mão fêmea” (AZEVEDO, 2013, p. 162). É nessa perspectiva que ela se casa e desencanta-se logo com o matrimônio, trai o marido poucos anos depois, provocando a separação matrimonial e optando pela vida de cocote de luxo, como a de Léonie.

Em **Menino de Engenho**, o relacionamento sexual regular de Carlinhos, iniciado antes dos 12 anos, com as negras do engenho, a promiscuidade sexual à qual se achava sujeito, o orgulho de sentir-se com doença-do-mundo, acabam por obsecá-lo, substituindo o que seria natural no imaginário infantil de uma criança nascida em berço burguês: “Só pensava nos meus retiros lúbricos com o meu anjo mau, nas masturbações gostosas com a negra Luísa. E comecei a querer-lhe um bem esquisito.” (REGO, 2012, p. 123).

O “bem esquisito” referido por Carlinhos parece se aplicar também ao sentimento que Pombinha passou a nutrir por Léonie, depois desta forçá-la a experimentar os prazeres sexuais lésbicos, tidos

como duplamente condenados pela cultura cristã à qual parecia pertencer. Logo, a Pombinha pura, que namorara Costa por tantos anos, depois de casada o trai, demonstrando um outro perfil de comportamento.

Ao longo das respectivas narrativas, podemos perceber que Pombinha se torna uma adulta frívola e Carlinhos um adulto amargo. Como poderíamos compreender a mudança de comportamento das referidas personagens depois da experiência prematura que tiveram com a prática do ato sexual? Se, numa perspectiva psicanalítica, considerarmos universal a sujeição do homem a traumas, poderemos visualizar uma resposta a partir do que pontuam Borges e Dell'Áglio (2008, p. 2):

Neste sentido, crianças vítimas de abuso sexual podem apresentar uma variedade de transtornos psicopatológicos, tais como transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), dissociação, depressão, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), transtornos alimentares, transtornos psicossomáticos, comportamento delinquente e abuso de substâncias [...].

Se a colocação acima merecer crédito, podemos compreender o comportamento das personagens em questão como um desvio do percurso natural de ingresso da criança na vida adulta, pelo viés da maturidade física, psicológica e afetiva alcançada. O aludido desvio, portanto, teria se dado por meio da experiência traumática com o ato sexual prematuro, que castrara a infância das personagens crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na literatura brasileira, a temática da infância está presente principalmente nas produções do realismo e do modernismo, em cujos respectivos contextos os romances aqui estudados foram publicados. Na trama narrativa de ambos, percebemos certa proximidade entre crianças e adultos, o que promove o contato precoce e traumático da infância com o sexo.

A referida proximidade entre personagens adultos e crianças, por sua vez, é estimulada pelo ambiente coletivo, massificado e promíscuo, no qual as personagens atuam: um cortiço e um engenho de açúcar.

Com base em tais aspectos, percebemos que ambos os romances representam a criança como fragilizada, abusada pelo adulto, inserida numa infância precocemente adulterada.

FROM THE TENEMENT HOUSE TO THE MILL: THE EARLY SEXUAL EMANCIPATION OF POMBINHA AND CARLINHOS

ABSTRACT – The present study deals with the childhood issues based on the novels ‘O Cortiço’ by Aluísio Azevedo, published in 1890, and ‘Menino de Engenho’ by José Lins do Rego, published in 1932. The aim is to perceive how children’s characters are affected by the sexual behavior of adult characters and its influence on their lives. The childhood variable is considered within space-time as a socio-cultural nature. The issue of sexual practice is either seen as a taboo or as an initiation ritual into adulthood. The theme of the discussion focuses on the characters of Pombinha and Charlinhos, one from each novel. The choice for these characters was due to some of their peculiarities in the unfolding of the plot within the novels’ contexts. The theoretical framework was based on the authors Mary Del Priore (1991), Philippe Ariès (1981), Regina Zilberman (1998), among others.

Keywords: Interrupted childhood. Precocious sexuality. Pombinha teenager. Carlinhos child.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, Philippe. **A história social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Fragmentos sobre a Rotinização da Infância**. Revista Educação & Sociedade, v. 25, nº1 p. 93-114, 2002.

BORGES, Jeane Lessinger & DELL' AGLIO, Débora Dalbosco. **Relações entre abuso sexual na infância, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e prejuízos cognitivos**. Psicologia em Estudo. 2002.

CAMPOS, Maria. Izabel. **Civilidade, Gênero E Sexualidade: Memórias De Espaços Públicos E Privados**. In: Sobre processos civilizadores: diálogos com Norbert Elias. Grande Dourados: UFGD, 2012.

CANDIDO, Antonio. **De cortiço a cortiço. O discurso e a sociedade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

D'INCAO. Maria Angêla. **Mulher e Família Burguesa**. In: Histórias das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2006.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias do Cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **História da Criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

REGO, José Lins. **Menino de Engenho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **O Estatuto da Literatura Infantil**. In: A Literatura Infantil na Escola. São Paulo: Global, 1998.